

II EBE ENCONTRO BRASILEIRO DE ECOLINGUÍSTICA

**ECOLINGUÍSTICA:
UM NOVO PARADIGMA NOS ESTUDOS DA LINGUAGEM**



DATA: 19, 20 E 21
DE NOVEMBRO
DE 2014 | **LOCAL:** FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
GOIÂNIA – GOIÁS

Mais informações no site: www.eventos.ufg.br/ebe

Período de inscrições: até 01.11.14
Período de inscrições para ouvintes: até 19.11.14
Envio de resumos: até 07.11.14

Valores das inscrições:
R\$ 15,00 para ouvintes (com certificado)
R\$ 30,00 para estudantes
R\$ 60,00 para professores e demais pesquisadores

II ENCONTRO BRASILEIRO DE ECOLINGUÍSTICA
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 19-21/11/2014

CADERNO DE RESUMOS

**A TOPONÍMIA ESPONTÂNEA DO MUNICÍPIO DE PIRES DO RIO (GO): AS
RELAÇÕES ENTRE POPULAÇÃO E TERRITÓRIO**

Kênia Mara de Freitas Siqueira (Orientadora)¹, Marianny Aparecida Rezende² (PIBIC/UEG)

A toponímia é vista, segundo Siqueira (2011), como a manifestação oral dos grupos humanos (população) que ocupam e observam (ou ocuparam e observaram) um determinado espaço físico (um território). Assim, os topônimos não podem ser estudados sem a devida atenção ao contexto espaço geográfico em que se inserem. O ato de nomear um lugar nunca está dissociado de sua história, de seu meio ambiente e das bases culturais que revestem as inter-relações de determinada população. Nessa perspectiva, é possível buscar a motivação que subjaz à nomeação do lugar identificando seu envolvimento geográfico e a relação com os fatos linguístico históricos que intervêm na escolha de um nome para designar um lugar. Nesse sentido também é possível pensar a língua (L) e seu Meio Ambiente (MA), partindo da ideia básica de que a língua “faz parte de uma grande teia de relações”. Para tanto, essas relações são consideradas a partir de uma análise ecossistêmica do fazer onomasiológico presente no processo de escolha ou criação de um topônimo. Para uma análise dos topônimos voltada para as relações entre língua (L), população (P) e território (T), ou Ecossistema Fundamental da Língua (EFL), torna-se necessário pensar a língua (L) e seu Meio Ambiente (MA), partindo da ideia básica de que a língua “faz parte de uma grande teia de relações”. Os membros de P interagem entre si além de interagirem com T. Das intensas interações entre P é que surge a L. Assim, a relação entre L e T é mediada por P. Quando se pretende explicar a natureza do processo de nomeação dos lugares deve-se considerar também os aspectos extralinguísticos, tais como conjuntura social, cultural, a história do município, o ecossistema já que os nomes são, em primeira instância, reflexo das condições sociais e culturais em que ocorrem. O objetivo deste estudo é descrever e analisar os nomes dos lugares do município de Pires do Rio (acidentes naturais ou culturais) buscando elucidar as motivações subjacentes à escolha de um determinado nome para um dado lugar. Para tanto, é necessário identificar os fatores que concorrem para que o nome escolhido seja, na visão do denominador, “parecido” com o lugar em termos icônicos mesmo ou por motivações que envolvem fatos que fazem parte da cultura e história do lugar. A metodologia consiste na combinação de levantamento bibliográfico, leituras e de investigação de campo, procede-se assim, à abordagem qualitativa, seguindo os parâmetros etnolinguísticos. Assim, produzir o mapeamento da região do ponto de vista da motivação dos designativos coletados durante a

¹ Professora do Programa do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologia (MIELT) da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e do curso de Letras desta instituição, Câmpus de Pires do Rio/GO; professora colaboradora do Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem (PMEL) da Universidade Federal de Goiás (UFG), Regional de Catalão.

² Aluna do curso de Letras, UEG, Câmpus de Pires do Rio, bolsista do Programa de Iniciação Científica da UEG (PIBIC/UEG).

estudo *in loco*. Espera-se verificar que motivações estão na base do fazer onomasiológico das nomeações espontâneas dos logradouros piresinos.

* * * * *

"TAMBORIL, PRA CANOA É UM BRINCO": ABORDAGEM SOBRE ALGUNS ASPECTOS DA ETNOBOTÂNICA KALUNGA

Gilberto Paulino de Araújo - SEE/DF/NELIM

A Etnobotânica busca compreender as relações cognitivas, comportamentais e simbólicas entre o ser humano e as plantas. Os estudos etnobotânicos voltam-se para o processo de identificação, nomeação, classificação, conhecimento e uso das espécies da flora por populações campesinas e/ou povos autóctones. O presente trabalho aborda alguns aspectos do processo de nomeação, classificação que constituem os saberes locais das plantas por membros da Comunidade Kalunga do Vão de Almas, localizada no nordeste de Goiás. A pesquisa possui caráter interdisciplinar, fundamentando-se nos pressupostos teóricos da *Ecolinguística e das Etnociências*, tendo como base a interdependência entre a diversidade das línguas, a diversidade cultural e biológica. A metodologia empregada é de natureza qualitativa, sendo esta resultante da imersão no território físico e cultural do povo kalunga (etnografia). A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas e da observação participante durante as trilhas realizadas nos arredores da comunidade. Foi observado que, à medida que a interação de representantes do povo/comunidade (P) com outros elementos da biodiversidade (meio ambiente - MA) se amplia, esses elementos só passam a fazer parte ou constituir as relações culturais da comunidade mediante a interação entre os seus membros, possibilitando o compartilhamento de saberes e a interação linguística.

Palavras-chave: Etnobotânica. Ecolinguística. Etnociências. Saberes locais.

* * * * *

A PERSPECTIVA ECOLINGUÍSTICA DOS GÊNEROS DO DISCURSO: ESTRUTURAS IDEOLÓGICAS DAS INTERRELAÇÕES.

Samuel de Sousa Silva & Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto

Partindo da proposta da Ecolinguística de que o objeto de pesquisa nessa linha é as redes de inter-relações no interior de um ecossistema fundamental da língua e que diante disso as inter-relações se tornam o ponto de partida e de chegada de cada análise Ecolinguística, refletiremos sobre o papel dos gêneros do discurso na estruturação e construção dessas inter-relações. Para isso, utilizaremos o conceito de gênero da perspectiva sistêmica funcional da linguagem de Halliday (1985), “como processos sociais organizados e orientados por um propósito” (Vian Jr, 2010) e a afirmação categórica dessa linha de pesquisa de “que os gêneros são acionados toda vez que uma

interação social ocorre” (ibid). Sendo assim, a partir da articulação desse conceito de gênero com os postulados da Ecolinguística verificaremos a hipótese de os gêneros do discurso serem a própria lâ que tecem os fios das inter-relações no interior do ecossistema, e uma vez que o conceito citado de gêneros do discurso os definem como orientados por um propósito, verificaremos também a relação dos gêneros com a disseminação e efetivação das ideologias de

uma sociedade. Pois o conceito mais geral de ideologia a define como “uma doutrina mais ou menos destituída de validade

objetiva, porém mantida pelos interesses claros ou ocultos daqueles que a utilizam” (Abbagnano, 2007, p.532). Portanto, a pergunta que relaciona esses conceitos de gênero e ideologia é se os objetivos de um gênero (forma) se associam aos objetivos de uma ideologia (conteúdo), e assim, forma e conteúdo se complementam na transmissão e reiteração das ideologias vigentes.

Palavras-chave: Gêneros do discurso – ideologia – inter-relações

Referencias

ABBAGNO, Nicola. Dicionário de filosofia. São Paulo, Martins Fontes, 2007.

VIAN JR, Orlando. Gêneros do discurso, narrativas e avaliação nas mudanças sociais: a análise do discurso positiva. *Cadernos de linguagem e sociedade*, 11(2), Brasília, UnB, 2010.

* * * * *

AUTOREFERENCIALIDADE MIDIÁTICA: IMAGEM, IMAGINÁRIO E NARRATIVAS MÍTICAS

Lutiana Casaroli

Este trabalho tem como temática central o processo de constituição das narrativas míticas autorreferentes publicizadas da organização midiática “O Popular”¹. Objetiva-se analisar nos enunciados os aspectos emergentes da relação entre imagem, imaginário, narrativas míticas e auto-referencialidade midiática no âmbito de dois grupos de processo vigentes: as práticas de exposição de si de mídias em seus produtos comunicacionais e os diversos sentidos agregados à imagem da organização, enquanto sujeito discursivo. A partir destas reflexões, pretende-se chegar a algumas considerações acerca do modo como se dá o processo de constituição das narrativas míticas, quer dizer, deseja-se detectar que elementos contribuem na construção de tais narrativas que temos acesso via mídias e como interferem na imagem pública dessa organização que se exhibe. O interesse da pesquisa se volta, sobretudo, para compreensão dos aspectos da linguagem, as relações internas do discurso que nos permitem ver a produção de sentidos e o imaginário que oferecem significação à imagem pública da organização. Para tanto, estabelecemos como base teórica alguns pressupostos da análise de discurso, em sua linha francesa, e da Antropologia do Imaginário, de Gilbert Durand.

¹ Veículo de Comunicação impresso de grande expressividade em Goiânia e interior de Goiás. Pertence à Organização Jaime Câmara.

* * * * *

O ESTUDO DE REDES SOCIAIS E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A ECOLINGUÍSTICA

Altair Martins Gomes

A mudança de paradigma epistemológico de uma visão linear e cartesiana de fazer ciência para uma multicausal e sistêmica nos permite estudar as relações humanas sob um olhar ecossistêmico, a partir das variadas redes sociais a que estão inseridos os seres vivos. Nesse sentido, o estudo da linguagem pela Ecolinguística vai direcionar os diversos olhares de todos os fenômenos da língua sob muitos aspectos, dentre eles, as diversas relações que as pessoas apresentam na interação com as outras. Desse modo, o estudo das Redes Sociais permite ao pesquisador refletir sob a estrutura das redes e a qualidade dos vínculos que uma pessoa possui

de forma significativa ou não, seus processos de integração psicossociais, o desenvolvimento e manutenção da identidade e dos potenciais de um indivíduo ou grupos, seus processos de adaptação, integração, interação e dissolução. Por outro lado, o estudo de redes nos permite entender aspectos linguísticos como a manutenção de traços da fala na escrita, os fenômenos da focalização ou difusão dialetais e o surgimento de novos dialetos falados pelos diferentes grupos em rede.

Palavra-chave: Redes Sociais, Difusão e Focalização Dialetais, Ecolinguística.

* * * * *

INTERPRETAÇÃO ECONOLINGUÍSTICA SOBRE A DESAPARIÇÃO DO USO DO TERMO *SERTÃO* NO ESTADO DE GOIÁS

Antón Corbacho Quintela, Grupo GALABRA – UFG

Com base no referencial teórico da ecolinguística brasileira, neste trabalho visasse a expor o paulatino apagamento, ao longo das seis primeiras décadas do séc. XX, do uso do termo sertão aplicado a Goiás. Nessa exposição, estabelece-se um contraste com o uso do adjetivo *sertanejo*, o qual se conservou, tendo sido usado para qualificar traços identitários ou manifestações folclóricas contemporâneas que remetem às origens do estado. Para os fins, apresenta-se sumariamente, em um primeiro momento, o processo de aplicação e expansão do termo *sertão* no Brasil ao longo do período colonial e durante o Império e, após isso, expõem-se as causas do processo da sua substituição pelo termo *cerrado*, neste estado, no séc. XX.

* * * * *

ATLAS LINGUÍSTICO LEXICAL DE PORTO NACIONAL: DESCRIÇÕES DO ECOSISTEMA LINGUÍSTICO DE UMA CIDADE TOCANTINENSE

Kleitton Ribeiro de Araujo¹ (UFT) & Greize Alves da Silva-Poreli² (UFT-Orientadora)

Nas últimas décadas, linguistas, dialetólogos e sociolinguistas têm se dedicado a análise e descrição de fatos dialetais, com o intuito de verificar os mecanismos variacionistas da língua portuguesa, sejam eles linguísticos ou extralinguísticos. Neste aspecto, o trabalho geral, que nesta análise apresentaremos apenas um recorte, teve por intento a realização do Atlas Linguístico Lexical de Porto Nacional - Tocantins, regido pela importância de se documentar a língua falada na cidade tocantinense. Os objetivos do trabalho foram: elaborar do Esboço do Atlas Linguístico Lexical de Porto Nacional; documentar o léxico portuense; coletar materiais para estudos posteriores e contribuir para a descrição do português tocantinense. O trabalho justifica-se pela importância de se documentar a língua falada na cidade de Porto Nacional, uma vez que não há registros de trabalhos na área da dialetologia, com a vertente geolinguística na cidade e o material coletado para o atlas linguístico dessa localidade constituirá uma fonte de dados para o estudo da variação lexical do Tocantins. Para isso, primeiramente, foi organizado um questionário semântico lexical composto por 56 perguntas e aplicado a 20 informantes, com escolaridade com no máximo o ensino médio completo e com as seguintes faixas etárias: de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos de idade, ambos os sexos, residentes há, pelo menos, 15 anos na cidade de Porto Nacional. Ao todo, foram entrevistados informantes de 11 bairros da cidade, com o intuito de se captar as variedades dialetológicas fornecidas pelos informantes. Quanto ao material usado para o armazenamento dos dados, foi utilizando um gravador digital que armazenava as gravações em formato de mp3 e que diuturnamente eram salvas no computador com o mesmo formato de áudio. Após as entrevistas, foram feitas as tabulações dos dados para serem

quantificados e analisados à luz da bibliografia específica, sobretudo obras de cunho dialetológico e geolinguístico. É importante ressaltar que o questionário aplicado aos informantes era composto por 56 perguntas, entretanto, fizemos um recorte do questionário e analisamos 30 questões no corpo do trabalho, de acordo com critérios de produtividade, divididas em 11 campos semânticos, dos quais, no presente estudo, focaremos nossa análise em apenas dois deles: Fenômenos Atmosféricos e Alimentação e Cozinha. Durante as análises dos dados, verificamos que não foi possível constatar a existência propriamente dita de um léxico tipicamente portuense; os dados apresentaram nuances lexicais com algumas particularidades locais. Para a constatação de uma norma portuense seria necessário um trabalho de maior amplitude, com um questionário mais abrangente, bem como um número mais elevado de informantes. Além disso, seria importante que novos trabalhos abrangessem outros aspectos do falar portuense, sobretudo na fonética e na morfossintaxe.

Palavras-Chave: Atlas Linguístico; Geografia Linguística; Léxico; Porto Nacional.

1 Graduado em Letras, pela Universidade Federal do Tocantins, campus de Porto Nacional. E-mail: kleiton.ra@hotmail.com

2 Professora Assistente II, do curso de Letras, da Universidade Federal do Tocantins, campus de Porto Nacional. Doutoranda em Estudos da Linguagem, pela Universidade Estadual de Londrina. E-mail: greize_silva@yahoo.com.br

* * * * *

UMA ANÁLISE ECOLINGUÍSTICA E ECOCRÍTICA DO DISCURSO LITERÁRIO NO CONTO *A TERCEIRA MARGEM DO RIO DE JOÃO GUIMARÃES ROSA*

Jucelino de Sales¹, Letícia Stéfany Ribeiro de Jesus²

A discussão que, ora, apresentamos, diz respeito à investigação de cunho linguístico e literário cujo enfoque é propor um olhar analítico sobre o trabalho de invenção fictícia do escritor João Guimarães Rosa. Como é patente em sua obra a relação do escritor com o seu meio-ambiente, uma vez que sua escritura poética parte do sertão – plataforma geográfica e, conseqüentemente, dotada do signo ecológico – o objetivo desse trabalho é investigar como Guimarães Rosa dobra a palavra ao signo ecológico e, assim, através de elementos da ecologia assume, consoma e transfigura o discurso literário. Torna-se relevante a pesquisa, pois busca apontar um elo significativo entre os estudos linguísticos e os estudos literários a partir da moldura do signo ecológico. Centraremos nossa operação analítica no conto *A terceira margem do rio* publicado no livro *Primeiras estórias*. Pretende-se levantar e abordar detidamente nessa narrativa fictícia do escritor mineiro, questões relacionadas à linguagem e à ecologia a partir do prisma do discurso literário na *poiesis* inventada pela pena de Guimarães Rosa. Trata-se de estudo concentrado nesse conto a respeito das relações linguísticas, literárias e ecológicas imersas no seguinte questionamento: Como Guimarães Rosa inventa através da arte da palavra, um discurso que toma elementos da ecologia (meio ambiente) para suscitar metaforicamente uma pungente significação de literatura, em suas condições de possibilidade? Nesse liame, discutiremos a noção de *fictio*, discurso literário e o signo ecológico que nesse conto se instaura a partir de uma terceira margem: lugar não-lugar que entre as duas bandas do rio virtualiza o discurso da própria literatura. Ora, o rio é espaço ecológico: e nesse conto, por uma dobra reverte-se e traveste-se com a *fictio* do próprio discurso da literatura instaurando uma forma simbólica cujo significante é, em suas condições de aparecimento, o conceito significativo do espaço literário. As abordagens de Michel Foucault a respeito da ordem do discurso, as investigações de Michel Pechêux sobre a análise do discurso, as abordagens sobre o discurso literário encontradas em

Roland Barthes, Luiz Costa Lima, serão de extrema relevância para a operação crítica dessa análise. Nosso ensejo é observar como o escritor mineiro trilha, nesse conto, uma terceira margem, a partir de onde constrói o significante da literatura.

Palavras-chave: discurso literário, signo ecológico, *fictio*, terceira margem.

1 Mestre em Literatura pela Universidade de Brasília; professor de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual de Goiás – UEG campus de Formosa e professor de Língua Portuguesa da Secretaria de Educação do Distrito Federal; endereço eletrônico: disallesart@hotmail.com.

2 Graduanda em Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual de Goiás – UEG campus de Formosa; bolsista do Programa Bolsa Permanência da mesma universidade; endereço eletrônico: leticia235@outlook.com.

* * * * *

ECOLOGIA DAS LÍNGUAS: ECOLOGIA DO CONTATO DE LÍNGUAS E ECOLOGIA DA EVOLUÇÃO LINGUÍSTICA

Raphaella Paiva, Ludmila Nunes, Camila Reszende

O trabalho que será apresentado no Encontro Brasileiro de Ecolinguística tem como objetivo a exposição do tema “ecologia do contato de línguas” e “ecologia da evolução linguística”, possuindo a base no capítulo V (Ecologia das línguas) do livro de Honório do Couto (2007). A apresentação consistirá nas variadas formas existentes entre o contato de duas ou mais línguas, estejam elas no território de L1, L2 ou um território neutro, L3 – partindo não somente do multilinguismo, como também o multidialeto que ainda é pouco explorado por estudiosos, dando exemplos desde “colônias” estrangeiras no Brasil até comunidades rurais no país. Desta forma, tem-se o “contato linguístico” como algo muito além de apenas o contato entre línguas distintas, devendo-se levar fortemente em conta toda a cultura e o poder econômico e social de determinado povo em determinado território – o que explicaria adiante a dominância de uma língua em relação à outra, gerando as línguas crioulas e pidgins, além de conceitos como “regramaticalização” e “relexificação”. Por fim, ainda com base nos postulados de Couto através de estudiosos como Thomason (1995) e Lefebvre (1997), há o enfoque final sobre a evolução das línguas – e não apenas “mudança das línguas” – que faz uma breve descrição cronológica do idioma português e os conceitos evolucionais com visões nos estudos biológicos de Darwin.

* * * * *

TEMA: O ISLÃ E MEIO AMBIENTE: UMA ABORDAGEM ECOLINGUÍSTICA.

Djiby Mane

Nesta apresentação, pretendemos mostrar como o islã trata a questão do meio ambiente levando em consideração o árabe, língua da religião muçulmana. Para a realização deste trabalho, o alcorão sagrado foi de fundamental importância por constituir a principal fonte de informação dos muçulmanos. No que diz respeito à fundamentação teórica, servimo-nos de Couto (2007), Calvet (1987), e Haugen (1972) para as concepções sobre língua e ecolinguística. O trabalho mostrou que a religião muçulmana sempre se preocupou com o meio ambiente, como comprovam, em todo o alcorão, muitas referências à língua árabe, aos homens, animais, plantas, água, ar, terra, solo etc.

Palavras-chave: Meio ambiente, islã, alcorão, árabe, língua, ecolinguística.

* * * * *

ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DA TOPONÍMIA DO ANTIGO ARRAIAL DE MEYA PONTE DE UMA PERSPECTIVA ECOLINGUÍSTICA

Bruna Mundim Tavares (Grupo GALABRA da UFG): brunamunres@hotmail.com

Antón Corbacho Quintela (Grupo GALABRA da UFG)

Nesta comunicação apresenta-se e analisa-se a evolução dos topônimos do antigo arraial de Meya Ponte. Na nossa análise englobamos, por um lado, os nomes de bairros e distritos; por outro lado, reunimos os nomes de córregos, ribeirões, rios, morros, chapadas, chapadões e serras. Interessa-nos, especialmente, observar como, com o decorrer dos anos e as contínuas desmembrações e emancipações de distritos da cidade de Pirenópolis, surgiram novos topônimos. Nesse sentido, cumpre analisar as motivações desses novos topônimos e a tendência à aglutinação de nomes e ao

estabelecimento de uma sufixação toponímica. Com base nas conceituações e na perspectiva metodológica da ecolinguística visamos, pois, entender em que grau a influência do meio ambiente e dos campos social, econômico e político determinaram a evolução da toponímia pirenopolina.

Palavras-chave: Toponímia, Ecolinguística, Pirenópolis.

* * * * *

ESTUDO DIACRÔNICO DA TOPONÍMIA DA CIDADE DE GOIÁS A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA ECOLINGUÍSTICA

Fabiene Riâny Azevedo Batista (Grupo GALABRA da UFG): fabrieneriany@gmail.com

Antón Corbacho Quintela (Grupo GALABRA da UFG): corbachoq@rocketmail.com

Neste trabalho, analisamos os topônimos da antiga Vila Boa de Goyaz, a atual Cidade de Goiás. Com base nos conceitos e na metodologia da ecolinguística, acompanhamos as mudanças ocorridas nos principais topônimos desse município. Devido à nossa perspectiva histórica, nosso estudo também abrange todos os distritos que, havendo pertencido à Cidade de Goiás, se emanciparam para constituir novos municípios. Além dos topônimos das áreas da cidade e dos distritos do município, analisamos também os nomes dos córregos, ribeirões e rios vilaboenses e, também, dos morros, chapadas, chapadões e serras. Estudamos, dessa forma, a motivação e o processo de fixação da toponímia da Cidade de Goiás. Visamos a identificar quais foram os fatores históricos, culturais, geográficos e ecológicos que têm estado na base das motivações que derivaram na escolha e na evolução desses nomes.

PALAVRAS-CHAVE: Toponímia. Ecolinguística. Cidade de Goiás.

* * * * *

PRODUÇÃO TEXTUAL NA ESCOLA: UMA PERSPECTIVA ECOLINGUÍSTICA

Alexandre Brito Neves Mariano & Henrique Silva Fernandes

[Não apresentou resumo]

* * * * *

CONCEITOS E PRINCÍPIOS BÁSICOS DAS TEORIAS PRAGMÁTICAS

Lucielena Mendonça de Lima

[Não apresentou resumo]

Ecolinguística, funcionalismo e pragmática: Diálogos possíveis

Hildo Honório do Couto

[Não apresentou resumo]

* * * * *

ECODISCURSO: ALARGAMENTO DA ESFERA DISCURSIVA

Eliane Marquez da Fonseca Fernandes^[1]

Queremos discutir a concepção de uma Análise do Discurso Ecológica (ADE) a fim de verificar a produtividade de seus conceitos para um alargamento da esfera discursiva. Consideramos que é relevante debater as questões que começam a surgir com o aparecimento dessa proposta acerca dos estudos discursivos. Nossa metodologia é documental a fim de investigar nas bases teóricas da Análise do Discurso, denominada AD de linha francesa, as aberturas para a proposição de uma ADE. Partimos da consideração de que a AD investiga as relações de sentido geradas pelos sujeitos dentro de certas condições de produção e que esses sentidos são construídos num contexto histórico. Por isso, propomo-nos a discutir certos princípios teóricos a considerar como: a ideia de que o discurso é exterior à língua e possibilita a criação de mundos/ espaços; a língua/ linguagem carrega as marcas dos discursos; as condições sócio-históricas são relativamente estáveis e promovem movências discursivas; o sujeito está em constante produção entre jogos de objetivação e subjetivação (FOUCAULT, 1995) ; é pela relação sócio-histórica-cultural entre os sujeitos que cada um de nós se constitui como ser social e constitui sua subjetividade. As posturas da ADE partilham alguns desses princípios, mas está ligada de início a uma Visão Ecológica de Mundo (VEM) que apreende os fenômenos do universo na sua totalidade e globalidade, por isso sua perspectiva, leva em conta a história, mas releva com destaque as relações do sujeito com o meio ambiente que afeta os seres vivos e vice versa. Assim a ADE preocupa-se em investigar como a língua pode carregar as marcas das relações entre os seres vivos na biosfera e, também, as interferências das condições essenciais para a vida. Além disso a ADE, não quer apenas descrever os fenômenos linguísticos a partir de uma *ecologia profunda* (NAESS), mas mobilizar esforços em torno de um equilíbrio ecológico da vida. Consideramos que há pontos de aproximação entre AD e ADE e aspectos de distanciamento. Se de um lado a AD não abre mão das relações histórico-sociais como vetor primordial para o estabelecimento dos discursos; de outro, a ADE alarga os limites de interferência para além da perspectiva histórica e abrange um viés mais geográfico e biológico. Assim, consideramos que as conexões dos fenômenos na sua totalidade vai abarcar a amplitude da macroecologia, sem desconsiderar a importância das relações sócio-históricas.

Palavras-chave - Análise do Discurso; ecologia profunda, história, linguagem

[1] ELIANE MARQUEZ DA FONSECA FERNANDES - Pós-Doutora em Pedagogia pela UNB; Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás onde atua como professora da Graduação em Letras e no Programa de Pós-Graduação. <elianemarquez@uol.com.br>

* * * * *

O PROCESSO DE DESTERRITORIALIZAÇÃO DO POVO NEGRO EXPRESSO NOS CANTOS DE CAPOEIRA ANGOLA

Zilda DOURADO-PINHEIRO (NELIM-UFG)

Resumo: a Ecolinguística apresenta o ecossistema fundamental da língua formado pela integração entre língua, povo e território. O território é o lugar onde o povo vive e interage por meio da língua, dessa maneira quando o povo muda de território há uma significativa mudança na língua, segundo Couto (2007). Diante disso, este trabalho tem como objetivo principal analisar o processo de mudança de território do povo negro para o Brasil, no período colonial, pelo viés da Ecolinguística. Tal arcabouço teórico permite analisar o modo como esse processo interferiu não só na morte das línguas de diversos povos africanos, como também no modo como esse povo expressa tal mudança por meio da língua portuguesa, evidenciada nos cantos de capoeira. Para comprovar essa mudança serão analisados os dêiticos marcadores de tempo e espaço presentes nas letras desses cantos dentro da perspectiva interacionista da Ecolinguística, segundo Couto (2007).

* * * * *

ECOLINGUÍSTICA: APORTE E TRANSDISCIPLINARIEDADE NOS ESTUDOS DE LÍNGUA

Nathália Costa Lopes - UnB – Universidade de Brasília

Maria Aparecida Curupaná da Rocha de Mello – FE – Faculdade Evangélica de Brasília

Nesse trabalho apresentamos uma reflexão crítica acerca do papel da Ecolinguística como aporte aos estudos de língua, bem como a forma que se estabelece como disciplina linguística e a sua inter- e transdisciplinaridade, características fundamentais aos estudos ecolinguísticos. O objetivo é mostrar, sobretudo aos menos familiarizados com a Ecolinguística, como ela pode ser empregada como disciplina de base ou de apoio para diferentes estudos de língua. Nessa perspectiva, entendemos que, ecossistemicamente, o reducionismo linguístico/gramatical entra em colapso a partir do entendimento de Peter Finke, (citado em Couto 2014), de que é possível estudar todos os aspectos da linguagem ecolinguisticamente. Para isso, fazemos uma breve discussão que aponta para as relações de similaridade e diferenciação entre a Ecolinguística e as principais teorias linguísticas, especialmente o Estruturalismo, o Gerativismo e o Funcionalismo (discursivo, tipológico e sistêmico funcional). Feito isso, é possível apontar interações ecolinguísticas com as demais áreas de estudo de línguas, notadamente a Fonologia, a Morfologia, a Sintaxe, as Ciências do Léxico e a Sociolinguística, utilizando a análise transdisciplinar, na qual os recortes de observação vão além das fronteiras disciplinares. Consideramos que a Ecolinguística apresenta quatro tipos, ou formas, de estudo: a Ecologia Linguística, que estuda as relações entre língua e questões ecológicas; a Ecologia da Língua, que estuda as relações entre língua e meio ambiente; a Ecologia das Línguas, que estuda as inter-relações entre as línguas, conforme descreve Couto (2007, p. 42); e a Linguística Ecológica, "um tipo de Ecolinguística que vem sendo praticada pela "Escola Ecolinguística de Brasília" (Couto, 2014), a qual estamos veiculados. A Linguística Ecológica toma por base a ideia de que a língua é um organismo vivo e pertence a um ecossistema linguístico. Assim, as regras sistêmicas são partes que se articulam interacionalmente, o que estabelece conexões

interdisciplinares. Com este trabalho queremos apontar onde e quando a ótica ecossistêmica pode interagir na prática multidisciplinar que, por sua vez, pode ser estabelecida e apresentada para os estudantes de línguas e linguística.

* * * * *

DA ESCOLA TRADICIONAL À ESCOLA ECOSSISTÊMICA: A EDUCAÇÃO SOB A ÓTICA DA ECOLINGUÍSTICA

Lorena Araújo de Oliveira Borges

[Não apresentou o resumo]

* * * * *

O ECOSSISTEMA VIRTUAL E O MITO DE NARCISO NA PERSPECTIVA ECOSSISTÊMICA DA LINGUAGEM

Alessandro Borges Tatagiba & Ana Cristina Santos da Paixão

Este artigo tem por objetivo analisar as interações no ecossistema virtual na perspectiva ecossistêmica da linguagem e seus reflexos na sociedade contemporânea com base numa analogia do mito de Narciso. O aporte teórico da pesquisa baseou-se em autores como; Couto (2007, 2013); Chartier (2001, 2002); Kres e Van Leeuwen Lévy (2001;2006); Lévy (1999, 2003); Nenoki do Couto (2012); Halliday e Mathiessen (199, 2014); Halliday (1978,1990); Paixão (2014); Santaella (2004; 2013); e Tatagiba (2013, 2014). Constitui o *corpus* de análise linguística textos coletados na internet, em junho de 2014. A metodologia de análise do *corpus* caracteriza-se pela natureza qualitativa. A abordagem metodológica contempla as três seguintes categorias de análise linguística: i) os aspectos multimodais dos textos; ii) os processos do Sistema da Transitividade; e iii) o Sistema de Avaliatividade. Os resultados preliminares sugerem a necessidade de maiores discussões e estudos na perspectiva da Linguística Ecossistêmica tendo em vista as inter-relações entre o ecossistema virtual e o ecossistema social bem como a mutualidade de significados textuais e as práticas sociais.

* * * * *

O MILITAR NA EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE IMAGÉTICO-SOCIAL

Aléxia Maria Cardoso Melo (UFG/NELIM)

Assim como outras instituições reguladoras e regulamentadoras de comportamento, a escola constitui-se como espaço disciplinarizador, controlando e padronizando sujeitos a fim de torná-los adequados a determinados objetivos, produtivos e obedientes de acordo com o contexto social. A partir disso, o presente artigo busca problematizar a questão educacional constituída sob a imagem do militar, tal como ocorre nos Colégios da Polícia Militar de Goiás (CPMG). Essa instituição, que vem sendo alvo de grandes debates e fortemente requerida por uma parcela da sociedade, possui um regulamento interno próprio pautado em um contexto de emergência que será analisado sob a base epistemológica da linguística ecossistêmica crítica (ADE). A fim de compreender o imaginário coletivo acerca da formação militar e o grau valorativo que vem

sendo conferido à sua imagem, inicia-se analisando, sob o viés da antropologia do imaginário durandiana, uma propaganda distribuída em escolas da periferia da capital de Goiás e que tem como foco a carreira militar. Desse modo, busca-se demonstrar que a questão educacional transpõe as barreiras físicas da escola, de modo que os diversos ecossistemas (físico, mental e social) quando observados integrativamente nos proporcionam uma visão mais abrangente de todo.

* * * * *

A CONSTRUÇÃO DO FEMININO EM ENUNCIADOS DE O BOTICÁRIO

Alita Carvalho Miranda Paraguassú

O objetivo desse estudo é promover ao leitor uma introdução à perspectiva holística e ecológica da Análise de Discurso Ecológica como um estilo dentre tantos outros de Análise de Discurso. A história do presente, com suas catástrofes e escassez de recursos naturais exige daqueles pesquisadores que não separam teoria e vida a reflexão sobre a nossa realidade. Mais do que uma nova Análise de Discurso, a ADE se propõe como uma possibilidade de interferir nos modos pelos quais os seres humanos tradicionalmente se relacionam com o meio ambiente, com os outros seres vivos. Para tanto, é realizada uma comparação da ADE com outras ADs, além de uma análise, com categorias próprias de uma visão ecológica, sobre enunciados da indústria cosmética O Boticário que possuem como meta divulgar a colônia Floratta: cerejeira em flor. A fim de realizar um estudo que seja ecológico a língua não é objetivada como um sistema fechado em si mesmo, mas como a própria interação entre o meio ambiente e o ser humano. São emergentes nesse trabalho as categorias de interação, adaptação/relação dialética e sustentabilidade, na medida em que meio ambiente, ser humano e língua afetam um ao outro em seus processos de mutabilidade. O discurso materializado nos enunciados de divulgação da fragrância Floratta constitui o feminino como uma construção que ocorre na relação com a natureza, essa relação possibilita transformações nos meios mental, ambiental e social, categorias também peculiares à Análise de Discurso Ecológica. Entretanto, os enunciados de O Boticário afirmam a visão antropocêntrica da dominação do ser humano sobre a natureza e da mulher enquanto ser passivo (apesar do léxico de transformação) e frágil. Além disso, há que se refletir sobre a diversidade ausente nesses enunciados como a tentativa de uma homogeneização e gestão do feminino.

* * * * *

O ESTUDO DO CONTATO DE LÍNGUAS E A ECOLINGUÍSTICA

Davi Borges de Albuquerque

O presente artigo tem como objetivo analisar as diferentes teorias sobre ecologia do contato de línguas e povos, bem como propor um método para se pesquisar a ecologia do contato de línguas/dialetos e indivíduos/povos. Após a introdução, será realizada uma revisão bibliográfica, serão descritos os dois principais modelos de análise da ecologia do contato de línguas: o modelo biológico e o modelo ecossistêmico. Em seguida serão elencados alguns procedimentos de análise, em forma de um rudimento de metodologia para a ecologia do contato de línguas. Finalmente, será apresentado um estudo de caso do contato interlinguístico em Timor-Leste.

* * * * *

ENTRE O VALE E O AMANHECER: COMUNIDADE DE FALA PARA ECOLINGUÍSTICA

Genis Frederico Schmaltz Neto

Este artigo se propõe discutir o conceito de comunidade de fala (doravante CF) a partir do paradigma ecolinguístico, no contexto da Linguística Ecolinguística, proposta por Couto (2007, 2012, 2014). Para isso, revisitam-se as definições canônicas de Bloomfield, Gumperz e Labov, constatando-se que suas reflexões não discernem critérios de análise suficientes para se construir uma observação língua-sociedade sobre comunidades não prototípicas ou excepcionais como o Vale do Amanhecer – bairro brasiliense onde boa parte dos falantes crê-se operante de um terreno físico-ideológico-espiritual que interliga os astros, o mundo dos espíritos e a Terra. Portanto, a partir do arcabouço ecolinguístico, delimitam-se passos para reconhecer-se uma CF e discute-se esse conceito, por meio de um jogo entre o vale (o conceito polêmico de comunidade) e o amanhecer (a abertura teórica da ecolinguística).

* * * * *

O MULTILINGUISMO TIMORENSE: UMA ECOLOGIA LINGUÍSTICA COMPLEXA

Helem Andressa de Oliveira Fogaça (helemfogaça@gmail.com) Jessé Silveira Fogaça (jessefogaça@gmail.com)

Timor-Leste é um país localizado no sudeste asiático, constituído por uma variedade de grupos étnicos que possuem culturas, histórias, saberes e principalmente línguas próprias. Assim como o Brasil, Timor-Leste foi colonizado por Portugal no período de 1515 a 1975, e, no período de 1975 e 1999, foi invadido e dominado pela Indonésia, vivenciando uma política de destruição das suas línguas, culturas, valores e principalmente sua identidade, através da política repressora e pela imposição da língua indonésia, o bahasa, minimizando o uso da língua nacional - o tetun, e proibindo o uso da língua portuguesa. Em 1999, a Organização das Nações Unidas (ONU) chegou ao país a fim de reestabelecer a paz e iniciar a reconstrução daquela nação. Em 2002, com a independência e a constituição da República Democrática de Timor-Leste, a língua portuguesa tornou-se língua oficial ao lado da língua local, o tetun. Diante dos problemas políticos que esta nação enfrenta, gerados por diferentes motivos, dentre eles a divisão etnolinguística, o governo timorense decidiu nos últimos anos focar investimentos no ensino e difusão destas línguas oficiais, como meio de proporcionar uma unidade etnolinguística da nação timorense. Considerando o cenário acima descrito, este trabalho tem como objetivo realizar uma descrição do ecossistema linguístico de Timor-Leste, e como este está num ecossistema holístico influenciado especialmente pelo contato de línguas e por diferentes questões de planejamento linguístico. Nesta pesquisa utiliza-se a abordagem da linguística ecossistêmica e a multimetodologia ecolinguística adotada pela Escola Ecolinguística de Brasília, que neste trabalho é caracterizada pela pesquisa bibliográfica e pela observação participante, resultado da vivência de dois dos pesquisadores no Timor-Leste por mais de dois anos, onde estiveram viajando por praticamente todo o território timorense. O trabalho se divide então em três partes: a primeira parte aborda o ecossistema linguístico timorense, descrevendo seu território, povos e línguas ali existente; a segunda trata de como ocorre o contato das línguas timorenses e por último a situação multilíngue timorense nos dias atuais. Destaca-se que as línguas não oficiais estão num processo de restrição do seu domínio de uso tendo crescido o número de pais que não se comunicam mais com as crianças em suas línguas maternas, mas sim na língua tetun. Diante deste cenário, as línguas não oficiais caminham para um processo de obsolescência, que ainda

está no início, mas que pode ser revertido com um planejamento e trabalho de política linguística.

* * * * *

O CONCEITO JURÍDICO DE SUSTENTABILIDADE: PERSPECTIVAS DA ANÁLISE DO DISCURSO ECOLÓGICA

Heloanny de Freitas BRANDÃO (UFG)

O equilíbrio ambiental é indispensável à qualidade de vida todos de os seres no ecossistema. A desordenada interferência humana no meio ambiente gerou um desequilíbrio ecossistêmico que compromete a vida de todos os seres. Nesse contexto é que o homem criou o conceito de sustentabilidade. O presente artigo visa entender quais os interesses humanos estão embutidos e que bases teóricas e ideológicas são predominantes nesse conceito. A linha teórica utilizada é da análise do discurso ecológica, uma disciplina da ecologia que analisa, por uma ideologia ecocêntrica, os aspectos linguísticos dos discursos entendendo assim os efeitos de sentidos gerados. Pela análise nota-se que, embora haja algumas semelhanças entre o conceito jurídico de sustentabilidade e as perspectivas da ADE, a ideologia predominante nesse conceito é a do antropocentrismo. Tal visão impede que o homem seja capaz de perceber a importância dos demais seres na busca do equilíbrio do ecossistema. A visão antropocêntrica presente nesse conceito dificulta que o homem reate seus laços com os demais seres do ecossistema.

* * * * *

A FOLIA DA ROÇA DA REGIÃO DE FORMOSA (GO)

João Nunes Avelar Filho (UEG-Formosa)

A proposta deste trabalho é evidenciar através dos discursos dos foliões e das rezadeiras da folia da roça da região de Formosa (GO), tanto no aspecto sagrado quanto profano, a relação harmoniosa existente entre os mesmos e o ambiente, retratado nas suas rezas e devoções. A língua através da dimensão espiritual, presente em todos os ecossistemas aqui contemplados, é considerada uma teia de inter-relações e interações, o que demonstra a estreita relação entre língua e meio/ambiente natural da região do Nordeste Goiano, língua/meio-ambiente social, centrada nos aspectos sócio-culturais e religiosos da folia da roça, festa em louvor ao Divino Espírito Santo e, língua/meio ambiente mental, a partir das experiências dos foliões e das rezadeiras com elementos da cultura popular do catolicismo rural. Desse modo, essas práticas religiosas e representações ali presentes constituem manifestações coerentes com uma abordagem ecológica.

* * * * *

RELAÇÕES ENTRE FUNCIONALISMO E ECOLINGUÍSTICA

Leosmar Aparecido da Silva (UFG)

Este artigo tem o objetivo de estabelecer um paralelo entre o Funcionalismo e a Ecolinguística. Para isso, parte-se da concepção de língua/linguagem desses dois construtos teóricos, que a/s consideram resultado/s de processos interativos entre indivíduos e ambiente e entre indivíduos e indivíduos. Posteriormente, focam-se em três conceitos fundamentais - conceptualização, iconicidade e extensão metafórica – para mostrar que tanto o Funcionalismo quanto a

Ecolinguística consideram as diferenças culturais, a relação motivada entre forma e função e o espraíamento de sentido via abstratização de conceitos advindos do ambiente físico.

* * * * *

VIDA MUNDO DE CARMO BERNARDES À LUZ DA ANÁLISE DO DISCURSO ECOLÓGICA (ADE)

Margareth de Lourdes Oliveira Nunes (UFG)

A obra *Vida Mundo* de Carmo Bernardes será objeto de leitura e análise reflexiva à luz da linguística ecossistêmica (LE) e da análise do discurso ecológica (ADE). A LE tem em seu quadro teórico Haugen, Finke, Trampe e Couto, que tomam o conceito de ecossistema como nuclear, com as relações entre os seres vivos interagindo em seu *habitat*. Do mesmo modo, as relações entre povo (P), território (T) e língua (L) como sendo o ecossistema linguístico e PT o meio ambiente da língua. Os textos constituintes da obra *Vida Mundo* apresentam-nos interações existentes entre povo, território e língua, nas quais o cerrado é o território em que as relações entre P e L são expressas, sobretudo, pelo meio ambiente mental da língua. Em *Vida Mundo*, textos e paratextos são narrativas que buscam construir interações comunicativas. As perguntas fundamentais que conduzem a reflexão analítica se relacionam a como a natureza, na ficção, é descrita, se é representada de forma realista ou idealizada ou, até mesmo, se é confeccionada a partir de uma concepção exótica.

* * * * *

O HOMEM, O LUGAR E A LÍNGUA: UMA INVESTIGAÇÃO DA INFLUÊNCIA ANTROPONÍMICA NA TOPONÍMIA MARANHENSE

Maria Célia Dias de CASTRO (UEM-Balsas)

Muitos lugares, sejam países, estados, cidades grandes ou pequenas, ou um simples aglomerado humano rural, têm atribuídos em suas denominações nomes próprios de pessoas. Este fato linguístico leva a questionar por que as pessoas, em tão diferentes lugares do mundo, atribuem antropônimos para denominar os lugares em que vivem, ou seja, o meio ambiente que as cercam. Nesta discussão, focalizada no trinômio antroponímia, hagianímia e toponímia, cabem dois paradigmas de investigação, a onomástica, estudo linguístico dos nomes próprios que compreende várias subdivisões como a toponímia, antroponímia, astronímia, mitonímia, oronímia, entre outros; e a ecolinguística, estudo linguístico que percebe a língua como uma teia de interações verbais que ocorrem no interior do ecossistema linguístico, ecossistema este que se constitui do meio ambiente natural, do mental e do social, todos eles inter-relacionados (COUTO, 20013), do que decorre a concepção e a escolha de nomes que refletem essa simbiose da e na língua. Assim, este trabalho tem como objetivo refletir sobre as inter-relações entre os indivíduos, o lugar e a língua e sobre quem são os sujeitos dos antropônimos constituidores da (micro) toponímia maranhense. A base teórica desta discussão fundamenta-se principalmente em Castro (2012), Couto (2007), Dick (1992), Nenoki do Couto (2013) Piel (1974; 1975; 1979) e Vasconcelos (1928).

* * * * *

DISCURSO VERDE NA MÍDIA

Ricardo Sena Coutinho (UFG/Nelim)

O objetivo deste artigo é observar como o discurso verde encontra-se presente na mídia, especialmente nas propagandas televisivas e impressas, que aparentam uma preocupação ecológica para vender os mais variados produtos. Muitas vezes, no entanto, este discurso serve apenas para conferir uma aura política e ecologicamente correta ao produto anunciado, apagando as reais intenções do anunciante, invariavelmente, o lucro. Como fundamentação teórica e metodológica são mobilizados conceitos da ecolinguística, com fulcro na ecolinguística crítica e na semiologia de Roland Barthes, especialmente a obra *Mitologias* (1957). Esses pontos de vista teóricos possibilitam a compreensão de como o discurso ecológico tem sido apropriado pelas mais diversas causas como um fenômeno que conscientiza, mas que também pode ocultar sugestões, direcionar a posição dos sujeitos na sociedade em que este se insere e materializar ideologias.

* * * * *

A ECOLINGUÍSTICA E A EDUCAÇÃO DO CAMPO

Rosineide Magalhães de Sousa (UnB): rosimaga@uol.com.br

Este artigo traz uma reflexão sobre a relação entre Ecolinguística e a Educação do Campo no que diz respeito à cultura e à identidade linguística das pessoas que defendem seu território e buscam para ele e, também para seus pares, a integração entre língua, povo e território. Com três contextos de pesquisas realizadas por educandas oriundas do campo, em suas comunidades, em que elas são fortalecidas com sujeitos de pesquisa e não mais como objeto de pesquisa, expomos como pode ocorrer a relação teórica da ecolinguística com a prática social abordada nas pesquisas, contemplando a dimensão holística dessa vertente em consonância com outras contribuições teóricas. Além disso, exploramos a parte metodológica que encontra abrigo na etnografia.

* * * * *

ENSINO DE PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS: UMA PERSPECTIVA ECOLINGUÍSTICA

Thiago Evangelista dos Santos (UnB)

Este trabalho encontra na Ecolinguística a base teórica de pesquisa, sobre o que se consiste o meio ambiente social através da arte. A arte traz consigo um papel de expressão sobre o cotidiano, onde a obra do artista escolhido nos indaga sobre os diversos papéis atribuídos pela linguagem, no território através da população/público que observa a obra, o seu ponto de pesquisa referencial de construção da obra, que acontece a partir do que venha ser Anfibologia retrata um Ecosistema Fundamental da Língua de forma artística. O ensino de português do Brasil no mundo atualmente vive um momento de progresso, com as mudanças econômicas que assolam os Estados Unidos e o continente europeu, o Brasil vive um momento de procura mundial, seja pelo bom momento econômico, com isso diversas ofertas de emprego para estrangeiros, e em transações entre empresas estrangeiras que observam no Brasil um bom local de investimento, e até mesmo pela exposição durante o momento de Copa do Mundo no ano de 2014. Dados de como acontece a procura de proficiência em português variante brasileira, em nossas relações exteriores mais próximas, como na América do Sul. É possível identificar que o avanço de ensino de português do Brasil como uma língua internacional, dinâmica e independente está a cada vez mais preparado. Neste trabalho o imaginário é exposto através da Arte, transformando o papel da arte e as pesquisas linguísticas.

POSTERS

LÍNGUA E MEIO AMBIENTE NUMA VISÃO ECOSISTÊMICA

Aírton Carvalho SOUSA – UEMA

Geane Martins MENDES – UEMA

Os estudos linguísticos costumam relacionar cultura, meio ambiente e linguagem. Significa dizer que as ações da vida humana e o pensamento do indivíduo estão interligados às influências do meio ambiente. O meio ambiente atua sobre o indivíduo, influenciando a linguagem da comunidade da qual ele faz parte. Vale lembrar que as interações verbais, mais especificamente a linguagem oral desses indivíduos, passam por um processo de aceitação por parte dos interlocutores do meio ambiente social em que ele está inserido (COUTO, 2007). Assim, a linguagem expressa a forma como o mundo é visto e há uma associação dessa visão de mundo com a forma da palavra, ou seja, com os elementos vivos da cultura deste povo. Lembramos que o meio ambiente social, o meio ambiente físico e o meio ambiente mental são constituidores do ecossistema linguístico, ou seja, os aspectos geofísicos e os sociais são forças que influenciam o pensamento humano, o que nos diz que a língua está inter-relacionada ao meio ambiente. Quando surge um novo objeto também surge um novo nome que o identificará, o qual deve ser antes aceito pela sociedade. Para Sapir (1969), o léxico é o que mais se reflete na língua e no ambiente social de seus falantes. Língua e cultura, portanto, interagem entre si, ambas estão muitas vezes relacionadas a fatores do ambiente físico do meio ambiente mental do indivíduo nele presente. Dessa forma, a microtoponímia, campo de estudo pertencente à onomástica, associa-se aos estudos ecolinguísticos por também analisar e considerar o valor que estes estudos trazem à sociedade e à ciência, contribuindo para nosso trabalho de pesquisa. O trabalho visa analisar a oronímia, nomes de acidentes físico-geográficos como nomes de serras, morros, despenhadeiros, que percebemos serem bastante influenciados pelos fatores que constituem o meio ambiente físico (*Morro da Pedreira, Morro Canto do Buriti*), o mental (*Serra do Alegrete, Serra Bela Vista*) e o social (*Morro Solteiro, Morro do Frade*), os quais expressam o caráter ecossistêmico da língua. Os dados foram coletados no Mapa Municipal Estatístico da cidade de Balsas através de pesquisa documental cartográfica na base de dados do IBGE.

Palavras-Chave: Língua. Meio Ambiente Físico. Meio Ambiente Mental. Meio Ambiente Social.

* * * * *

O RELATIVISMO LINGUÍSTICO DA HIPÓTESE SAPIR-WORF E A ECOLINGUÍSTICA

Elisângela Campos de Oliveira - UEMA

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Célia Dias de Castro - UEMA

Este trabalho tem por objetivo discorrer sobre o postulado da hipótese Sapir-Whorf e a Ecolinguística. Por meio de pesquisa bibliográfica, depreendemos que a hipótese denominada “Sapir-Whorf” (LYONS, 1987), assim chamada por ter seus princípios baseados no pensamento de Sapir, retomados depois por Benjamin Lee Whorf, postula que a nossa visão de mundo é determinada ou direcionada pela nossa linguagem, o que se tornou conhecido como relativismo linguístico. Nesse sentido, “Sapir considera a língua como parte de uma realidade social, assim

como o pensamento também o é, e que devem, portanto, ser estudados em sua totalidade.” (CUNHA, 2010, p. 06). A linguagem está, portanto, associada aos modos de vida, às experiências de mundo do homem, as quais ajudam a gerar suas concepções. As experiências humanas em relação com o ambiente que as cerca, com as materialidades que permeiam esse ambiente, a começar pelo próprio corpo humano, é que servem de base para a expressão do pensamento. Assim, o ambiente pode caracterizar a linguagem de um povo. Os estudos acerca do relativismo linguístico têm, recentemente, sido retomados principalmente no campo da Linguística Antropológica e da Ecolinguística. Nesta linha de pensamento, Couto (2007), estuda a relação entre língua e meio ambiente e define esse tipo de estudo como Ecolinguístico. Ainda segundo Couto (2007), a língua não participa apenas do seu meio ambiente social, mas pelo menos de mais dois meios, o natural e o mental. Portanto, os estudos de Sapir (1929) e de Whorf (1956) e os de Couto (2007) servem como base para compreender as diversidades da linguagem conforme o meio em que ela está inserida e as relações sociais dos seus falantes.
Palavras-Chave: Relativismo Linguístico, hipótese Sapir-Whorf, Ecolinguística.

* * * * *

LÍNGUA E MEIO AMBIENTE NUMA VISÃO ECOSISTÊMICA

Aírton Carvalho SOUSA – UEMA

Geane Martins MENDES – UEMA

Os estudos linguísticos costumam relacionar cultura, meio ambiente e linguagem. Significa dizer que as ações da vida humana e o pensamento do indivíduo estão interligados às influências do meio ambiente. O meio ambiente atua sobre o indivíduo, influenciando a linguagem da comunidade da qual ele faz parte. Vale lembrar que as interações verbais, mais especificamente a linguagem oral desses indivíduos, passam por um processo de aceitação por parte dos interlocutores do meio ambiente social em que ele está inserido (COUTO, 2007). Assim, a linguagem expressa a forma como o mundo é visto e há uma associação dessa visão de mundo com a forma da palavra, ou seja, com os elementos vivos da cultura deste povo. Lembramos que o meio ambiente social, o meio ambiente físico e o meio ambiente mental são constituidores do ecossistema linguístico, ou seja, os aspectos geofísicos e os sociais são forças que influenciam o pensamento humano, o que nos diz que a língua está inter-relacionada ao meio ambiente. Quando surge um novo objeto também surge um novo nome que o identificará, o qual deve ser antes aceito pela sociedade. Para Sapir (1969), o léxico é o que mais se reflete na língua e no ambiente social de seus falantes. Língua e cultura, portanto, interagem entre si, ambas estão muitas vezes relacionadas a fatores do ambiente físico do meio ambiente mental do indivíduo nele presente. Dessa forma, a microtoponímia, campo de estudo pertencente à onomástica, associa-se aos estudos ecolinguísticos por também analisar e considerar o valor que estes estudos trazem à sociedade e à ciência, contribuindo para nosso trabalho de pesquisa. O trabalho visa analisar a oronímia, nomes de acidentes físico-geográficos como nomes de serras, morros, despenhadeiros, que percebemos serem bastante influenciados pelos fatores que constituem o meio ambiente físico (*Morro da Pedreira, Morro Canto do Buriti*), o mental (*Serra do Alegrete, Serra Bela Vista*) e o social (*Morro Solteiro, Morro do Frade*), os quais expressam o caráter ecossistêmico da língua. Os dados foram coletados no Mapa Municipal Estatístico da cidade de Balsas através de pesquisa documental cartográfica na base de dados do IBGE.

Palavras-Chave: Língua. Meio Ambiente Físico. Meio Ambiente Mental. Meio Ambiente Social.

OBS.: Uma seleção desses trabalhos foi publicada no livro *Linguística ecossistêmica & Análise do discurso ecológica*. Brasília: Thesaurus, 2015, organizado por Elza K. N.N. do Couto & Davi B. Albuquerque. Ele está acessível [aqui](#).